

## As várias faces de um líder

Pesquisa americana compara o comportamento de liderança em homens e outros mamíferos, encontrando semelhanças — que podem ter origem genética — e diferenças, provavelmente explicadas pela complexidade das organizações humanas

Por mais elaboradas que sejam as dicas dadas por palestrantes e profissionais do mundo empresarial, a liderança não é um traço de comportamento tão complexo a ponto de se manifestar apenas em humanos. Basta olhar para a natureza que lá está o líder, coordenando hienas em um ataque coletivo sobre uma presa, orientando macacos-capuchinhos durante um embaite com outro bando ou direcionando um grupo de chimpanzés durante uma viagem. Mas o que aproxima e o que diferencia os chefes humanos e não humanos?

Para responder essa pergunta, biólogos evolucionistas, antropólogos, matemáticos e psicólogos do Instituto Nacional de Matemática e Síntese Biológica da Universidade do Tennessee, nos Estados Unidos, se uniram em uma ampla pesquisa, na qual se debruçaram sobre a coletividade de diversas espécies. A equipe revisou a evidência de liderança em pequenos grupos sociais de humanos e de outros mamíferos (incluindo suricatos e elefantes) a partir de quatro aspectos: deslocamento, aquisição de comida, mediação de conflito na comunidade e interação entre grupos. Depois, eles categorizaram os padrões de liderança em: distribuição entre indivíduos, emergência, poder, pagamento ao líder e generalidades entre formas de domínio.

### Peculiaridades

“Líderes são muitas vezes aqueles que iniciam comportamentos e, ao fazê-lo, levam os outros a segui-lo. Não são sempre carismáticos. Na verdade, na maioria das sociedades, seguidores ganham o benefício máximo ao selecionarem os líderes mais justos”, explica ao *Correio* a bióloga evolucionista Jennifer Smith, principal autora do estudo, publicado na última edição da revista *Trends in Ecology & Evolution*.

Os resultados da pesquisa, segundo a especialista, mostram que a dominação e a subordinação, a formação de alianças e a tomada de decisão são alguns mecanismos cognitivos

compartilhados por todos os mamíferos — algo inato dessas espécies, ou genético. Um líder, contudo, costuma se formar, na maioria das sociedades humanas e de outros mamíferos, a partir da experiência individual. Há exceções, contudo. Entre hienas e índios canadenses da tribo Nootka, por exemplo, a liderança é algo herdado e não conquistado, de maneira semelhante ao que acontece em regimes de monarquias hereditárias.



**Líderes são muitas vezes aqueles que iniciam comportamentos e, ao fazê-lo, levam os outros a segui-lo. Não são sempre carismáticos. Na verdade, na maioria das sociedades, seguidores ganham o benefício máximo ao selecionarem os líderes mais justos”**

**Jennifer Smith,**  
principal autora do estudo

As diferenças entre homens e demais espécies começam a surgir quando se analisa o poder com o qual o líder conta. O padrão das espécies não humanas é de liderança mais concentrada, com chefes exercendo grande poder sobre o grupo, como ditadores. Características como carisma, flexibilidade e empatia parecem ser um diferencial humano, de acordo com os cientistas.

“Isso seria explicado, em parte, pela tendência humana de ter papéis mais especializados dentro da sociedade”, analisa Smith. “Mesmo nas sociedades humanas menos complexas, a escala de ação coletiva é maior e presumivelmente mais crítica para a sobrevivência e a reprodução do que na maioria das outras espécies de mamíferos”, complementa. A especialista prossegue: “Nosso estudo é empolgante porque estabelece uma base sólida para compreender as origens evolutivas da liderança nas sociedades humanas. Há muito trabalho a ser feito, mas essa análise começa a revelar a noção de que os líderes humanos são mais justos e menos poderosos do que os líderes de seus ancestrais não humanos. Revelamos que a liderança é comum em todos os mamíferos e profundamente rastreável dentro da linhagem dos mamíferos”.

### Questionamentos

A ideia de que há fatores genéticos que favorecem, pelo menos em parte, a liderança é explorada por diversos grupos de pesquisa. Um estudo da Universidade do Estado do Kansas, nos Estados Unidos, e da Universidade Nacional

Zoom Dossa/AFP - 29/6/15



Chimpanzés vivem em bando sob o controle de um macho: poder do líder sobre comandados é mais concentrado na espécie do que entre homens

Saba Segesvari/AFP - 17/3/14



Entre as hienas, o poder é herdado, e não conquistado pela experiência

de Cingapura, por exemplo, sugere uma influência do gene DAT1, ligado ao transporte de dopamina (o chamado “hormônio do prazer”) e à ativação da área de recompensa do cérebro.

Os pesquisadores acreditam que uma variante desse gene torna algumas crianças e adolescentes mais suscetíveis a comportamentos de liderança, como a proatividade e o questionamento de regras, o que pode se manifestar

na forma da tão temida rebeldia adolescente. “Uma pequena quebra de regras na adolescência é positiva, pois está correlacionada com a chance de você se tornar um líder na vida adulta”, sugere o estudo Wendong Li, um dos autores da pesquisa.

Linhas de pesquisa que buscam origens genéticas de comportamentos humanos ou se baseiam em comparações com outras espécies animais costumam

### Palavra de especialista

## A condição humana

“É comum confundir — e ao longo da história das ciências temos muitos exemplos disso — um estatuto da humanidade enquanto espécie e outro enquanto condição. Ao pensarmos nos seres humanos como um agrupamento mais ou menos homogêneo que se classifica enquanto espécie, é razoável que sejam levantadas linhas de continuidade que nos associam às demais espécies animais. Quando falamos em termos da condição humana, isso muda, pois existem muito mais descontinuidades históricas, políticas e sociais do que aproximações. A tendência em entender os comportamentos dos animais não humanos com base em conceitos elaborados a partir da experiência (sempre situada) humana é politicamente e cientificamente enviesada.”

**Guilherme Sá,** professor de antropologia da Universidade de Brasília

gerar muito debate acadêmico, com algumas linhas de pesquisa enxergando esses estudos de forma bastante crítica. “Agindo assim (comparando o homem com outras espécies), sabemos mais a respeito dos protocolos ideológicos e filosóficos da humanidade, mas pouco sobre o que os animais têm a nos oferecer”, considera o professor de antropologia da Universidade de Brasília (UnB) Guilherme Sá (leia mais em **Palavra de especialista**).

Já o psicólogo Nicodemos Borges, membro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina

Comportamental, observa que, embora esses estudos tendam a sugerir que boa parte do comportamento humano está condicionado à genética, é necessário considerar a influência do ambiente em que os indivíduos se encontram. “A genética traz luz sobre o funcionamento do organismo, mas, quando se trata de comportamento, é mais complexo. É importante observar esse indivíduo interagindo com o mundo”, destaca. “Vamos continuar olhando para a genética e buscando, ao mesmo tempo, o modo como os indivíduos interagem.”

## MUDANÇAS CLIMÁTICAS

### Mortes associadas ao aquecimento global

A poucos dias da COP21, a Conferência do Clima das Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou, em um relatório, que as mudanças climáticas já causam dezenas de milhares de mortes todos os anos por motivos diversos — desde modificações nos padrões das doenças a eventos meteorológicos extremos, como ondas de calor e enchentes, assim como degradação da qualidade do ar e problemas sanitários e de segurança alimentar.

A estimativa mais recente da OMS refere-se a 2012, quando 7 milhões de pessoas podem ter morrido em decorrência de doenças associadas à poluição atmosférica. Modelos matemáticos

indicam que as mudanças climáticas causarão mais 250 mil mortes por ano de malária, diarreia, insolação e desnutrição entre 2030 e 2050. Crianças, mulheres e pobres de países de baixa renda serão os mais afetados, alargando ainda mais as desigualdades de acesso à saúde. Segundo o informe da OMS, a COP21, que começa em Paris no dia 30, oferece “uma importante oportunidade mundial não apenas de alcançar um acordo climático internacional robusto, mas também de proteger a saúde das gerações atuais e futuras”.

A publicação do organismo da ONU traz um apanhado de dados sobre a relação entre clima e saúde em diversos países, incluindo



Consequência do aquecimento, enchentes ameaçam a vida de brasileiros

o Brasil. O texto destaca que, dos 336.300 óbitos registrados no país em 2012, 5% estão associados à má qualidade do ar doméstico, uma consequência do uso de carvão no preparo de alimentos.

“A poluição do ar doméstico, dentro e fora da casa, é, em grande parte, resultado da queima de combustíveis fósseis, como biomassa ou carvão, para cozinhar. Mulheres e crianças estão em risco

**7 MILHÕES**

**Total de mortes estimadas em 2012, em todo o mundo, devido a doenças associadas à poluição atmosférica**

maior. Consequentemente, a poluição doméstica é responsável por uma grande proporção do número total de mortes por doença cardíaca isquêmica, derrame, câncer de pulmão e doença pulmonar obstrutiva crônica nas mulheres, comparado aos homens”, diz a publicação. Segundo a OMS, no Brasil, 10% de um número estimado de 2,9 mil mortes de crianças por infecções respiratórias deve-se à má qualidade do ar dentro e ao redor das residências.

O informe também destaca

que, em um cenário de altas emissões de CO<sub>2</sub>, o número de óbitos de pessoas com mais de 65 anos devido ao calor excessivo está projetado para 72 mortes por cada grupo de 100 mil em 2080. Entre 1961 e 1990, houve uma morte em 100 mil associada ao problema. “Uma redução rápida nas emissões poderia limitar as mortes associadas ao calor nos idosos para aproximadamente 13 em 100 mil em 2080”, afirma o relatório.

Uma outra grave ameaça no Brasil é o risco aumentado de enchentes. A projeção para o cenário de altas emissões é de que mais 78.600 brasileiros sejam expostos anualmente a alagamentos devido às mudanças climáticas. “Além das mortes por afogamento, as enchentes causam extensos efeitos indiretos à saúde, incluindo impactos sobre a produção alimentar e a provisão de água, perturbações no ecossistema, epidemias de doenças infecciosas e distribuição de vetores”, observa a OMS.